



Ângela Carne e Osso: A subversão na representação feminina marginal⁵

Lara Damiane de Oliveira Estevão⁶

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFG

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a personagem Ângela Carne e Osso no filme *A mulher de todos* (1969), de Rogério Sganzerla. Partindo do contexto histórico no qual o Cinema Marginal inseriu-se e utilizando a teoria feminista do cinema para compreender os significados das representações femininas, a mulher marginal desempenha nas telas um papel de subversão à repressão da ditadura civil-militar de 1964.

Palavras-chave: Cinema Marginal. Ângela Carne e Osso. Representação feminina.

Resumo expandido

O Cinema Marginal marcou a cinematografia brasileira em um contexto político de repressão e censura. Caracterizou-se por radicalizar a violência estética, em uma necessidade emergente da juventude em enfrentar os campos conservadores da sociedade, que instauraram a ditadura civil-militar no Brasil em 1964.

Durante os primeiros anos do regime ditatorial, segundo Marcelo Ridenti (2010), o Brasil vivia um momento de efervescência cultural ligada aos movimentos de massa e à articulação política da esquerda – os Centros Populares de Cultura ligados à UNE, o Cinema Novo, o Teatro de Arena, entre outras manifestações – que o golpe não foi capaz de estancar até a proclamação do Ato Institucional 5, em 1968. A partir da intensificação da censura, a figura do marginal, a boçalidade e o grotesco assumiram-se no cinema como forma de confronto ao poder conservador instaurado pelo golpe.

Considerada a presença do "seja marginal, seja herói" como um mote reiterado no final da década, temos os exemplos que compõem o entorno de uma experiência cinematográfica que, menos pela violência que tematizou, e mais pela sua violência estética, marcou a radicalização de um impulso de revolta que alguns cineastas julgavam estar saindo da pauta do Cinema Novo a partir de 1968. (XAVIER, 2015, p. 287)

⁵ Trabalho apresentado ao III SEJA – Gênero e Sexualidade no Audiovisual realizado de 28 a 29 de novembro de 2018, na UEG Goiânia Campus Laranjeiras.

⁶ Bacharelanda de Cinema e Audiovisual desde 2017 pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. E-mail: laradamiane@hotmail.com



No ano seguinte ao AI-5, estreia o segundo filme de Sganzerla, *A mulher de todos* (1969). Com Helena Ignez no papel de Ângela Carne e Osso, a comédia avacalha com os lugares tradicionais da mulher e da família na sociedade. O narrador *over* apresenta logo no começo do filme a narrativa: “As aventuras sexuais de Ângela Carne e Osso, uma das dez mais megalomaníacas”.

Casada com Doctor Plitz – personagem de Jô Soares – e mãe, Ângela, definida durante o filme como “vampira histérica” pelo narrador, escandaliza o arquétipo da *vamp* – que segundo Gisele Gubernikoff (2016) é a mulher autônoma, narcista, má e fálica. O vampirismo da personagem de Helena Ignez colocado dentro da família de classe média tradicional brasileira compõe elemento essencial no filme de subversão à ordem social conservadora.

Em consonância com os movimentos de contracultura que emergiram pelo mundo na década de 1960, *A mulher de todos* faz menções às drogas, ao rock e a discursos libertários, principalmente em relação à liberdade sexual feminina. Em contraponto com o marido – uma figura retrógrada, questionado pelo narrador quando é apresentado através da avacalhada “Será esse o marido nacional do século XXI? Do XVI ou do XXI?” –, Ângela é uma mulher de seu tempo.

Este trabalho analisa no filme *A mulher de todos*, a representação da protagonista feminina como instrumento de enfrentamento e subversão à sociedade no regime ditatorial brasileiro. O Cinema Marginal foi uma resposta direta da juventude à violência e à censura instauradas após o AI-5, sendo *A mulher de todos* uma obra seminal de Sganzerla para escancarar as hipocrisias da moral burguesa e conservadora que o golpe de 1964 tentava assegurar.

Referências bibliográficas

DREIFUSS, René. 1964: **A conquista do Estado (Ação política, poder e golpe de classe)**. Petrópolis: Editora Vozes. 1981.

GUBERNIKOFF, Giselle. **Cinema, Identidade e Feminismo**. São Paulo: Editora Pontocom. 2016.

GUBERNIKOFF, Giselle. **A imagem: representação da mulher no cinema**. Caxias do Sul; Conexão – UCS, 2009.



RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da revolução brasileira**. São Paulo, Editora UNESP, 2010.

XAVIER, Ismail. O cinema marginal revisitado: pequeno retrato em largas pinceladas. In: FARIA, Alexandre; PENNA, João Camillo e PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani (org.). **Modos da Margem**: Figurações da marginalidade na literatura brasileira. Rio de Janeiro. 2015.

Filmografia

A MULHER DE TODOS. SGANZERLA, Rogério. Servicine, São Paulo. 1969.